

A CERÂMICA LISA EM CONTEXTO DE ESTRUTURAS NEGATIVAS NO SUL DE PORTUGAL NA TRANSIÇÃO DO 4.º PARA O 3.º MILÉNIO A.N.E.

ALGUNS ASPECTOS METODOLÓGICOS E TIPOLOGICOS

NUNO MONTEIRO Faculdade de Letras da Universidade Lisboa, nunomonteiro@campus.ul.pt

RESUMO As campanhas de escavações realizadas no contexto da construção da rede de canais de rega do Alqueva têm trazido ao conhecimento da Arqueologia inúmeros sítios com estruturas negativas, nomeadamente recintos de fossos e fossas. Nos escassos contextos estudados e datados, de entre todo o espólio recolhido, a maior parte é constituído por cerâmica lisa, apresentando apenas diferentes tipos de tratamento de superfície e formas. Razão pela qual, são genericamente integrados no Calcolítico do Sul de Portugal.

Os poucos estudos elaborados para os contextos de fossos do Sul de Portugal, na sua grande maioria, tiveram como referência os catálogos de formas elaboradas para o Alto Algarve Oriental (Gonçalves, 1989), para o Baixo Alentejo (Silva e Soares, 1976-1977) e para os Perdigões (Lago *et al.*, 1998). Contudo, grande parte dos sítios com estruturas negativas não possui qualquer datação absoluta, o que dificulta a identificação de tendências diacrónicas ou regionais.

Pretende-se com o estudo de cerâmica lisa, realizado para um contexto homólogo, neste caso o Monte da Laje (Serpa), aferir os quadros de referência. O Monte da Laje trata-se de um vasto conjunto de fossas de diferentes morfologias (total de 25), ao qual se associa um relevante conjunto cerâmico (952 fragmentos, dos quais 317 são classificáveis).

O estudo do Monte da Laje poderá ser mais um contributo para compreender a (aparente) monotonia das cerâmicas do Calcolítico do Sul Peninsular, aliando referenciais cronológicos rigorosos, estudos funcionais e identidades regionais.

PALAVRAS CHAVE 3.º milénio, Calcolítico, Sul de Portugal, fossas, recintos de fossos

ABSTRACT The excavation campaigns carried out in the context of the construction Alqueva's irrigation canals network have uncovered numerous archaeological sites with negative structures, including ditches enclosures. In the scarce contexts already studied and dated, most of its collected material is composed by plane ceramics, which only differ in their types of surface treatment and shapes. This is the reason why these sites are generally integrated into the Chalcolithic of southern Portugal.

The vast majority of the few studies carried out for pits contexts in southern Portugal was based on the catalogues of forms prepared for the Upper East Algarve (Gonçalves, 1989), for Alentejo (Silva and Soares, 1976-1977) and for Perdigões (Lago *et al.*, 1998). However, most sites with negative structures have no absolute dating, which hinders the identification of diachronic or regional trends.

The aim of this plane ceramics' study is to measure the reference frames from the homologous context Monte da Laje (Serpa). The Monte da Laje is composed by a wide range of negative structures of different morphologies (a total of 25), associated with an important ceramic collection (952 fragments, of which 317 are classifiable).

The study of Monte da Laje may be a further contribution to understand the (apparent) monotony of ceramics from the Chalcolithic Southern Peninsula, by combining exact chronological references, functional studies and regional identities.

KEYWORDS 3rd millennium, Chalcolithic, South of Portugal, ditches, ditch enclosures

INTRODUÇÃO

O sítio do Monte da Laje foi identificado e intervencionado no âmbito do Sistema Global de Rega Alqueva,

localizado na freguesia de Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja. Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos por Lídia Baptista, da empresa História & Tempus, Lda. A intervenção arqueológica, iniciada a 23 de Outu-

bro de 2009, permitiu marcar 25 sondagens, numa área total de 120,37 m², das quais apenas foram realizadas 23 de onde foi recolhido espólio composto por fragmentos de recipientes cerâmicos, artefactos cerâmicos, líticos e fauna. As respectivas sondagens estão associadas a um conjunto de estruturas negativas de perfis variados: em que treze sondagens correspondem à transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e., apresentando planta semi-circular e circular; cinco sondagens são estruturas em negativo tipo “valado”, apresentando uma planta sub-rectangular; destaca-se uma estrutura em negativo de planta tipo “osso”; e por último, uma estrutura em negativo de planta sub-rectangular com uma inumação individual, cujo espólio remete para Idade do Ferro. Saliente-se que apenas será estudado todo o espólio exumado das fossas que correspondem a cronologias pré-históricas (4.º e 3.º milénio a.n.e.).

Perante as realidades negativas que surgiram durante a intervenção de 2009, estas poder-se-ão tratar de fossas, que serviriam como silos para armazenamento de cereais, que nesta realidade regional, surgem inúmeras vezes associadas a povoados com fossos. Os recintos/sítios com fossos possuem no interior superfícies repletas de “hoyos” ou fossas circulares escavadas no solo e preenchidas de sedimentos e materiais arqueológicos, onde por vezes surgem associados a valas ou fossos, que à semelhança dos “hoyos”, são escavados no substrato geológico e colmatados por materiais arqueológicos e por vezes de restos humanos.

ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO

O Sítio do Monte da Laje localiza-se no ponto de vista administrativo, na freguesia de Salvador, no concelho de Serpa e distrito de Beja, na Carta Militar de Portugal 1:25 000 – folhas 523 e 533 (coordenadas WGS84 – Longitude -7°30'14.41”W e Latitude 37°57'7.53”N). Quanto à sua informação cadastral este situa-se na secção F. inserido na rede hidrográfica do rio Guadiana, situando-se junto ao Barranco do Monte laje, que por sua vez é afluente da ribeira do Enxoé (mapa 1).

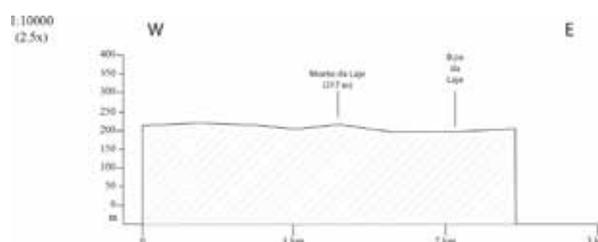


Mapa 1. Localização do Monte da Laje (Serpa) na Península Ibérica (Gonçalves, 1989).

No que respeita à sua geomorfologia, o Monte da Laje situa-se a uma altitude de 217 metros, numa paisagem que corresponde à peneplanície alentejana, cuja paisagem descreve um ondulado pontuado por colinas, permitindo assim uma percepção longínqua e extensa na linha do horizonte (mapa 2 e figura 1).



Mapa 2. Localização de Monte da Laje na Carta Militar de Portugal 1:25 000 – folhas 523 e 533 (Instituto Geográfico do Exército).



1. Perfil topográfico do Monte da Laje.

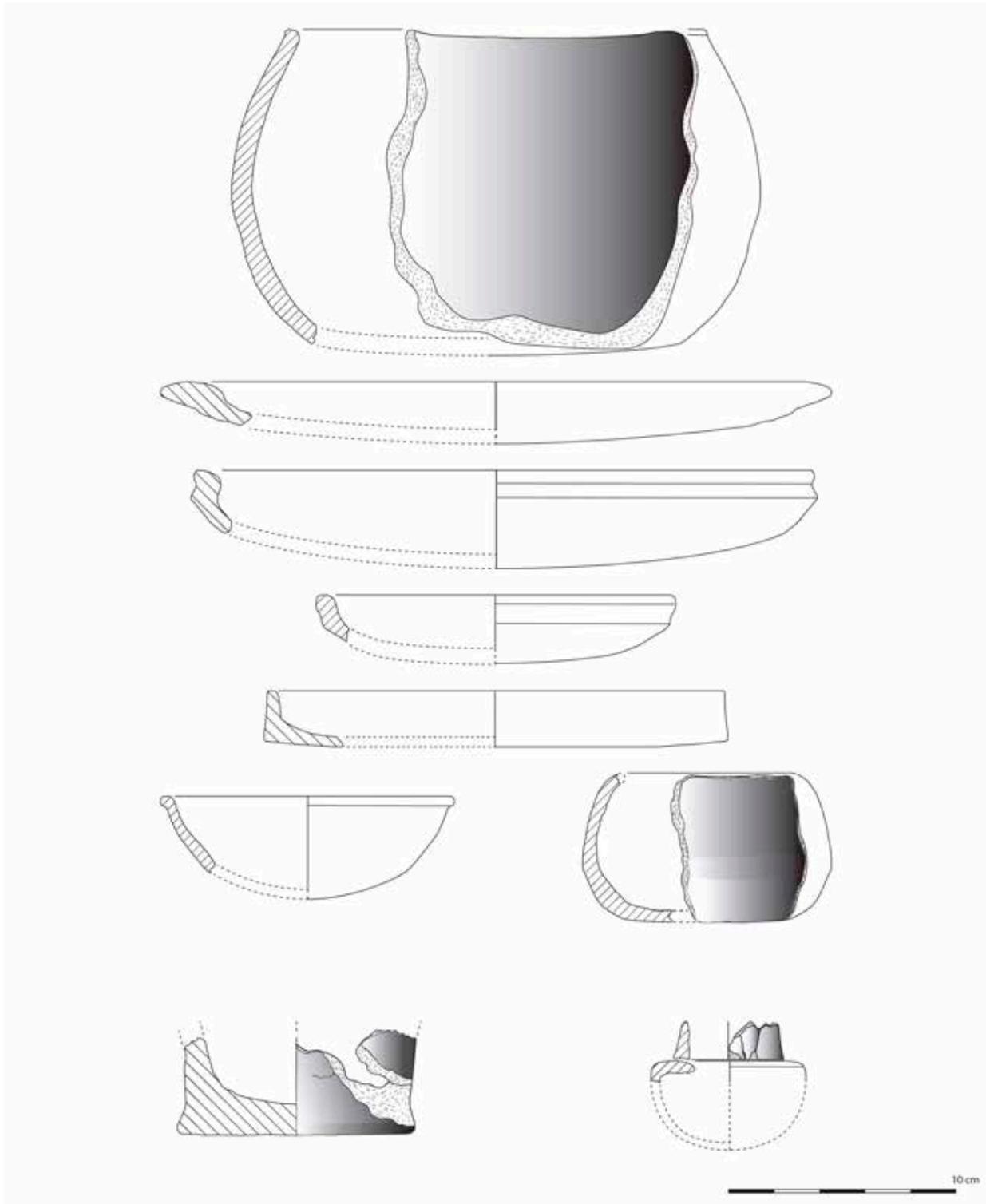
No que concerne à hidrografia, implanta-se na Bacia Média do Guadiana, cuja bacia média se estende desde território espanhol junto à Serra Morena até à Serra do Mendro, sendo que o Baixo Guadiana se estende a partir da Serra do Caldeirão (Odriozola, 2010). Próximo ao Monte da Laje encontra-se Barranco da Laje que é afluente da Ribeira do Enxoé, cujos cursos de água estão inseridos na bacia hidrográfica do Rio Guadiana. O Monte da Laje (Serpa) situa-se na área correspondente ao maciço Antigo ou Hespérico, na Zona da Ossa Morena, no sector Montemor-Ficalho, como aparece indicado na nota explicativa da Carta Geológica de Portugal 1: 200 000 – folha 8. Trata-se de uma zona muito afectada por falhas e lineamentos, nomeadamente pela falha da Vidigueira, falha de Ferreira-Ficalho e por alguns alinhamentos com a orientação E-W a WNW-ESSE.

Numa abordagem mais detalhada dos solos no qual está implantado o Monte da Laje, segundo a nota explicativa, consta-se que do ponto de vista petrológico, estes são compostos por micaxistos, gnaisses bióticos, quartzitos negros e granitos calco-alcálicos de grão médio, não porfiróide. No entanto, dado este se localizar na antiforma de Serpa – Vidigueira, “ocorrem pequenas intercalações de carbonatos e de chertes negros (e não quartzitos como consta na legenda da carta)” (Oliveira et al., 1991, p. 235). No que respeita às características dos solos em que se localiza, tratam-se de cambisolos êutricos (rochas

eruptivas), estando associados ao fenómeno geológico que lhes está subjacente, neste caso a falha geológica Serpa – Vidigueira, que provoca uma certa perturbação a nível dos solos. Quanto à capacidade uso dos solos estes possuem um índice de capacidade E, que se traduz em litossolos que tendem a apresentar-se esqueléticos com alguns afloramentos rochoso, cujo declive oscila entre 2 e 4%. Os solos apresentam valores que não são propícios a uma agricultura intensiva, dado que nas proximidades do Monte da Laje se verifica sobretudo a exploração de olival.

O CONJUNTO ARTEFACTUAL CERÂMICO

A partir do conjunto de sondagens escavadas, foi possível exumar um variado conjunto artefactual cerâmico, compreendido por recipientes de formas abertas, fechadas e compósitas, mas também artefactos cerâmicos como os pesos de tear e alguns artefactos de excepção. Estes últimos apresentam algumas dúvidas, impossibilitando a determinação da sua forma ou até mesmo a sua funcionalidade (figura 2).



2. Exemplares do espólio cerâmico do Monte da Laje: esférico de bordo espessado externamente; prato de bordo almendrado; taça carenada simples; vaso carenado; taça com carena baixa; taça de bordo espessado externamente; globular; copo de base estrangulada; vaso lucerna.

A maior parte do conjunto cerâmico é constituído por recipientes, em que estes representam 89,9% do conjunto artefactual. Sendo o mais representativo do conjunto foi sobre este que incidiu a maior parte do estudo artefactual. Partindo da classificação e orientação dos fragmentos, foi possível constatar a presença de inúmeros recipientes que apresentam formas e subtipos variados, havendo alguns indeterminados, por haver algumas reservas/ dúvidas quanto à sua interpretação. O conjunto de recipientes estudado demonstra, através dos tipos e dos subtipos, que o conjunto, apesar de ser constituído única e exclusivamente por cerâmica lisa, se coaduna com os conjuntos já estudados de contextos de estruturas negativas do mesmo tipo que o Monte da Laje. Destacam-se assim o sítio de Bela Vista 5 (Castanheira, 2014, p. 59-86), o Complexo Arqueológico dos Perdigões (Lago *et al.*, 1998) e Santa Vitória (Dias, 1996). O conjunto é constituído na sua maioria por recipientes de armazenagem de profundidades e aberturas diferentes – esféricos, com tipos e subtipos variados, representando 41% do conjunto de recipientes. Seguindo-se das formas carenadas que representam 22% dos recipientes, estas incluem as taças carenadas e os vasos carenados. No entanto, como pouca diferença de preponderância no conjunto destacam-se os pratos com as típicas formas do calcolítico, com especial relevância para os pratos de bordo almendrado. No que respeita aos outros subtipos estes representam uma parte menos substancial do conjunto, mas que se destacam por serem recipientes mais invulgares nos conjuntos. Destacam-se assim os globulares, os copos e o único exemplar de vaso-lucerna.

Por conseguinte, este conjunto de recipientes é muito variado, apesar do contexto em estudo não ser habitacional e ser em estruturas negativas em fossa, pelo que foram colmatadas pelos materiais e fragmentos descartados pelos indivíduos de um povoado. Demonstra assim uma grande variedade de recipientes utilizados, tanto de forma aberta, como fechada ou mesmo compósita.

O ESTUDO DA FRAGMENTAÇÃO

O estudo da fragmentação de peças cerâmicas, tendo-se iniciado em Inglaterra com o pioneiro Garrow, tem também vindo a implementar-se cada vez mais em território luso. Este é aplicado essencialmente no estudo de peças provenientes de campos de fossas, nomeadamente por Lídia Baptista e Sérgio Gomes (2012, p. 599), que tiveram em conta os estudos realizados por Chapman (2000), a propósito da relação entre os indivíduos,

os espaços e os processos de fragmentação de objectos, permitindo assim desvendar o comportamento social, os ritmos de ocupação e de utilização dos espaços habitacionais e funcionais (Baptista e Gomes, 2012, p. 599). Chapman (2000, p. 296) verificou para muitos fragmentos analisados, que o processo de fragmentação pode estar relacionado com a dinâmica social de um povoado. Uma vez que Chapman indica que um processo de fragmentação está indiscutivelmente interligado, com a dinâmica social e, por sua vez, com a rede de trocas, por forma a criar uma certa inovação tecnológica e social (Baptista e Gomes, 2012, p. 599).

Este estudo de fragmentação de peças cerâmicas tem vindo a ser implementado gradualmente em variados contextos de fossas, como é o caso do realizado para o recinto de fossos de Bela Vista 5 (Castanheira, 2014). Aqui foi possível apurar dados importantes que permitiram a compreensão das diferentes dinâmicas daquele recinto e dos processos pré e pós-deposicionais dos fragmentos cerâmicos em contextos de estruturas negativas (Castanheira, 2014). O método aplicado para Bela Vista 5, foi baseado em Lesley McFadyen (no prelo) e Ana Vale (2011), utilizando assim os seus critérios quanto à dimensão, estado das fracturas e grau de erosão (Castanheira, 2014, p. 75).

No caso do estudo da fragmentação do Monte da Laje, recorremos aos estudos de fragmentação realizados para Bela Vista 5, para Castanheiro do Vento (Vale, 2011) e nos estudos de fragmentação elaborados por Lídia Baptista (Baptista e Gomes, 2012). Os critérios adoptados para a sua realização no Monte da Laje foram os seguintes (tabela 1): o estudo de fragmentação incidirá em 3 fossas de um total de 23 (2; 5; 7), pelo facto destas apresentarem, de um ponto de vista intrínseco, relação entre elas, demonstrando várias colagens entre fragmentos, mas também pelo perfil da estrutura e morfologia sub-circular. Sobre as restantes fossas não foram realizados estudos de fragmentação uma vez que estas não possuíam as mesmas características das anteriormente mencionadas.

SONDAGEM 2

A análise das peças fragmentadas nesta fossa incide sobre 18 peças individualizadas e 145 bojos. Em detalhe os fragmentos individualizados são: 7 pratos; 5 taças; 9 esféricos; 1 taça carenada. Em relação às suas dimensões verifica-se que 112 (68,7%) apresenta dimensões entre os 7 e os 10 cm; 36 (22,1%) têm dimensões situadas entre 3 e 7 cm; e com dimensão inferior a 3 cm são 15 (9,2%).

TABELA 1. Critérios de análise dos fragmentos cerâmicos (McFadyen, no prelo, segundo Castanheira, 2014, p. 75).

Dimensão	Estado das fracturas	Grau de erosão
≤ 3 cm	Vivas	Pouco erodido
$3 \leq 7$ cm	Erodidas	Erodido
$7 \leq 10$ cm	Concrecionadas	Não erodido
> 3 cm	Queimadas	

Todos os fragmentos individualizados são bordos, onde foi possível registrar fracturas antigas; no caso de 6 bordos foi ainda possível realizar uma colagem em cada um, dando origem a 1 prato, e 2 esféricos. Os fragmentos onde foi possível realizar colagens apresentavam fracturas simples e vivas, ao passo que nas fracturas onde não foi possível realizar colagens as suas arestas se apresentavam concrecionadas. Assim se conclui que as fracturas vivas podem ter coincidido com o momento pré-deposicional. Quanto às restantes peças classificadas, 12 apresentam-se também erodidas, podendo indicar que estas foram descartadas pelo que existe a hipótese das fracturas das peças serem coincidentes com o momento de deposição na fossa.

No caso dos bojos, não houve qualquer possibilidade de realizar colagens. Em 126 (87%) as suas fracturas apresentam-se concrecionadas, e nos restantes 19 (13%), apresentam fracturas vivas. Quanto ao grau de erosão, 126 (87%) apresentam-se pouco erodidas, enquanto 19 (13%) se apresentavam erodidas. No caso dos 126 bojos com fracturas concrecionadas e pouco erodidas, as suas fracturas são interpretadas como infligidas num momento pré-deposicional e que, *a posteriori*, no processo pós-deposicional, foram ganhando concreções de calíço. Por conseguinte, os 19 bojos que se apresentam com fracturas vivas e pouco erodidas estão relacionadas com fracturações recentes, infligidas durante a escavação/tratamento.

SONDAGEM 5

A sondagem realizada na fossa 5 foi a que mais peças cerâmicas forneceu, sendo também a fossa que apresentava maiores dimensões. As peças fragmentadas classificáveis são: 12 pratos; 6 taças; 36 esféricos; 2 globulares; 4 taças carenadas e 420 bojos. No que respeita às suas dimensões destaca-se que as que têm maior predominância são as peças com dimensões situadas 3-7 cm com 332 (69,2%) do conjunto; 104 (21,6%) tem medidas situadas entre 7-10 cm; e 44 (9,2%) apresentam medidas inferiores a 3 cm.

Na generalidade os fragmentos individualizados são bordos à excepção de duas peças que apresentam bordo e parte do bojo do recipiente, que foram consideradas como formas reconstituíveis. No conjunto cerâmico desta sondagem verifica-se que todos os fragmentos classificáveis apresentam fractura antiga, contrariamente aos bojos, em que 295 (70,2%) apresentam fractura antiga e os restantes 125 (29,8%) apresentam fractura recente.

Apenas foi possível realizar quatro colagens: 1 esférico simples, 1 esférico mamilado, 1 prato e 1 taça carenada. No caso dos esféricos foi possível realizar a reconstrução da pança com a colagem de bojos, uma vez que estes se encontravam fragmentados *in situ*. As fracturas onde foi possível realizar colagens apresentam-se simples em todas as peças coladas, porém, nas fracturas onde não foi possível realizar colagens estas apresentavam-se concrecionadas.

No que concerne ao estado das fracturas, verifica-se que, na sua grande maioria, se encontram concrecio-

nadas 42 (70%), o que demonstra que se podem ter dado numa fase pré-deposicional e que posteriormente, na fase pós-deposicional, foram adquirindo concreções de calíços. Contrariamente, 18 (30%) apresentam fracturas erodidas, o que nos revela que estas podem ter sido fragmentas e abandonadas ao acaso e mais tarde atiradas para o interior da fossa. Contudo, quanto ao grau de erosão que as peças apresentam, verifica-se que as 42 peças anteriormente mencionadas se apresentam pouco erodidas, contrastando com as restantes 18 que se apresentam erodidas.

Relativamente ao estado das fracturas dos bojos constata-se que, na sua grande maioria, 362 (86,2%), apresentam-se concrecionadas; 38 (9%) têm as fracturas em estado erodidas; e por último, os bojos que apresentam fracturas vivas, que indicam fracturas recentes, são os restantes 20 (4,8%).

SONDAGEM 7

O conjunto cerâmico desta fossa possui inúmeros materiais classificáveis, onde foi possível realizar três colagens. O grupo de peças classificáveis é constituído por 26 fragmentos de bordo: 7 são pratos; 6 são taças; 10 são esféricos; 1 é um globular; 2 são taças carenadas. No que concerne às medidas apuradas entre formas classificáveis e bojos, verifica-se que 168 (48,3%) apresentam dimensões entre 3-7 cm; 92 (26,4%) apresentam medidas que se situam entre 7-10 cm; 66 (19%) medem mais de 3 cm; as restantes 22 (6,3%) apresentam-se menores que 3 cm.

Os fragmentos classificáveis apresentam na generalidade fracturas antigas, com algumas arestas o que lhes confere alguma irregularidade, à excepção de 6 fragmentos em que foi possível realizar colagens, cujas fracturas coladas se apresentavam simples com pequenas concreções. Contrariamente, as fracturas que não permitiram realizar colagens apresentam-se irregulares e com algumas concreções. As peças que foram possíveis colar tratam-se: de 2 pratos e 1 taça; cada forma possibilitou a colagem de dois fragmentos.

Em relação ao estado das fracturas das peças classificáveis, verifica-se que 18 (66,7%) se encontram concrecionadas, à semelhança do estado em que se encontram as das peças anteriormente analisadas; 6 (22,2%) apresentam-se em estado erodido; 3 (11,1%) apresentam uma fractura viva, demonstrando assim uma fractura muito recente. Quanto ao grau de erosão das peças verificámos que: 18 peças se apresentam pouco erodidas, uma vez que possuem muitas concreções estas fracturas ficam com pequenas partes visíveis que apresentam este grau de erosão; 6 peças apresentam um grau erodido; e as restantes 3 não apresentam sinais de erosão.

Na análise das fracturas dos bojos, quanto ao estado das fracturas, verificámos que na sua grande maioria estas se encontram concrecionadas o que em termos quantitativos representa 238 (74,1%); com fracturas erodidas são 76 (23,7%); os restantes 7 (2,2%) apresentam fracturas vivas tratando-se, à semelhança dos outros casos, de fracturas recentes.

RESULTADOS DA ANÁLISE

Os três *case studies* abordados no estudo da fragmentação cerâmica, demonstraram que existem muitas semelhanças entre os processos pré e pós-deposicionais de cada fossa analisada, bem como se assemelham a muitos dos casos dos sítios estudados para mesma área regional do Monte da Laje, neste caso os sítios de Bela Vista 5 (Castanheira, 2014), para a cronologia do Calcolítico e Vale das Éguas 3 (Baptista e Gomes, 2012, p. 597-603), para a cronologia da Idade do Bronze.

A combinação de duas abordagens distintas para a análise do conjunto artefactual cerâmico, permitiu constatar dados mais rigorosos no que respeita às dinâmicas tafonómicas das estruturas negativas do tipo fossa. A abordagem tradicional permitiu estabelecer uma cronologia relativa para a utilização das fossas, bem como interpretar todo o conjunto cerâmico, que levou à criação de um catálogo de formas. Por outro lado, aliado à abordagem da análise da fracturação, foi possível determinar as fases de utilização das fossas, as quais serão abordadas num capítulo específico.

A análise realizada às fracturas das peças permitiu retirar inúmeras ilações genéricas quanto ao estado predominante das fracturas, constatando-se que a sua maioria se realizou numa fase pré-deposicional, uma vez que se apresentam pouco erodidas e concrecionadas na sua generalidade. De uma forma simples, os recipientes foram fracturados numa fase anterior, sendo mais tarde atirados para o interior das fossas, uma vez que estas já se encontravam numa fase de utilização secundária ou reutilização. Por outro lado, existem poucos fragmentos de recipientes que apresentam fracturas em estado erodido, estas por sua vez na sua grande maioria surgem já numa fase de colmatação das fossas, o que indica que aquelas que estão na parte de baixo são menos susceptíveis a agentes erosivos mais rigorosos, ganhando assim concreções de calços. Porém, a parca existência de estudos desta natureza, impossibilita o estabelecimento de correlações com sítios que apresentem características similares aos do Monte da Laje, existindo apenas para mesma área regional os sítios acima mencionados, onde foi utilizado

o mesmo estudo. Estas lacunas suscitam ainda muitas dúvidas após o estudo das fragmentações realizado, pois não sabemos qual motivo por que se fracturam ou se descartaram certos recipientes. Uma das poucas certezas com que ficámos à cerca deste estudo é quanto à utilização/reutilização destas estruturas negativas, neste caso estas serviram de lixeira. A inexistência de estudos similares em períodos mais recuados impedem-nos de estabelecer uma diacronia das diferentes razões para a fracturação intencional ou não dos recipientes ou até mesmo dos artefactos cerâmicos.

Por último, este estudo permitiu compreender melhor as dinâmicas do Monte da Laje, contribuindo de uma forma fulcral para a construção de uma narrativa sobre a utilização destas estruturas negativas, mas também para tentar compreender a existência de uma área habitacional nas imediações destas estruturas negativas. O estudo da fragmentação de um conjunto cerâmico proveniente de estruturas negativas pode lançar novas questões sobre a interpretação da utilização destas estruturas negativas, tal como tem acontecido com contextos similares ao Monte da Laje. Será que o conjunto de fossas teve uma utilização primária e posteriormente uma secundária? Tratar-se-á de deposições estruturadas ou simplesmente desperdício doméstico? (Castanheira, 2014, p. 79).

CONCLUSÕES

O estudo morfológico e tecnológico do conjunto cerâmico do Monte da Laje permitiu compreender melhor a organização deste tipo de realidade arqueológica. Apesar de não haver muitos estudos que se debrucem sobre o estudo e compreensão destas estruturas negativas, através dos dados apresentados e analisados fica dado um grande contributo que ajude a compreender esta realidade arqueográfica. Constata-se que as estruturas negativas do tipo fossa não possuem todas a mesma cronologia, isto é, existem dois *clusters* em que um é atribuível ao Calcolítico Pleno (fossas n.º 2, 3, 5, 6 e 7) onde se destaca a presença mais significativa de pratos e um segundo *cluster* atribuível ao Neolítico Final (fossas n.º 9, 10, 12, 13, 18 e 21), permitindo assim fazer uma leitura estratigráfica horizontal.

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, L.; GOMES, S. (2012) – Vale das Éguas 3 (S. Salvador, Serpa): fragmentação de materiais cerâmicos e enchimento de estruturas. In *Actas do V Congresso de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar, p. 597-603.

CASTANHEIRA, P. (2014) – Os conjuntos artefactuais de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja). In VALERA, A., coord., *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º Milénio a.n.e. (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: NIA, p. 59-87 (Era Monográfica, 2).

CHAPMAN, J. (2000) – *Fragmentation in Archaeology*. Oxford: Routledge.

DIAS, A. (1996) – *Elementos para o Estudo da Sequência Estratigráfica e Artefactual do Povoado Calcolítico de Stª Vitória*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do do Porto (Tese de Mestrado).

GARROW, D.; BEADSMOORE, E.; KNIGHT, M. (2005) – Pit clusters and the temporality of occupation: an earlier Neolithic site at Kilverstone, Thetford, Norfolk. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 71, p. 139-157.

GONÇALVES, V. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*. Lisboa: CAH/UNIARQ/INIC (Estudos e Memórias, 2).

LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1: 1, p. 45-152.

MCFADYEN, L. (no prelo) – Actions in Time: After the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho de Freixo de Numão. *Quaternary Studies*.

ODRIOZOLA, C. (2010) – *Sistemas Técnicos de Producción Cerámica en el Guadiana Medio durante la Edad del Cobre*. Sevilla: Universidad de Sevilla (Tesis de Doutoramento).

OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, V.; PIÇARRA, J. (1991) – Traços gerais da evolução tectono-estratigráfica da Zona de Ossa-Morena, em Portugal: Síntese crítica do estado actual dos conhecimentos. *Cadernos do Laboratorio Xeolóxico de Laxe*, 16, p. 221-250.

SILVA, C.; SOARES, J. (1976-1977) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcólicos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 179-272.

VALE, A. (2011) – Traditions and practices at Castanheiro do Vento. *Journal of Iberian Archaeology*, 14, p. 55-61.